

## GÊNERO E LAZER: EXPERIÊNCIAS DE CINCO GERAÇÕES DE MULHERES

**Sandra Helena Joris Bertollo**  
sandrahj.bertollo@gmail.com

**Mauro Bertollo**  
UNIJUÍ  
mauro.bertollo@unijui.edu.br

O presente artigo é parte de uma pesquisa inspirada nos campos dos Estudos de Gênero. Neste estudo são descritas as trajetórias de cinco mulheres, com o propósito de compreender como experienciam e significam seu lazer. Foram reconstituídas as trajetórias de vida de cinco gerações de mulheres de uma mesma família, numa perspectiva longitudinal. Para efeito de análise foram referenciadas da primeira a quinta geração, respectivamente: Alba<sup>1</sup>, 89 anos; Rosa, 67 anos; Ana, 48 anos; Letícia, 25 anos; e Yasmin, 05 anos. Na composição genealógica da família tataravó, bisavó, avó, mãe e filha. Cabe contextualizar que essas mulheres pertencem a uma família com raízes camponesas-rurais, que por distintas razões migraram para a cidade.

---

<sup>1</sup> Para manter suas identidades em sigilo, optamos pela adoção de nomes fictícios.

As experiências corporais, dentre elas as de lazer não são estanques, produzem marcas identitárias e subjetivas no decorrer das gerações. Um mesmo sujeito experiência e significa o lazer de diversos modos ao longo de sua trajetória de vida. Considerando o lazer como uma esfera sócio-cultural, os marcadores de idade, de gênero, nível de escolaridade, classe social, entre outros, vão produzindo as práticas de lazer destas mulheres.

O caráter qualitativo adotado possibilitou pesquisar as experiências destas mulheres desde a infância até os dias de hoje. As entrevistas foram organizadas em blocos, com perguntas amplas, seguindo uma lógica temporal/cronológica que indicam categorias (infância, casamento e maternidade). As trajetórias são apresentadas a seguir, de forma resumida:

Alba, 89 anos: nasceu em Coronel Barros-RS, mas com oito anos de idade foi com a família morar no interior de Três Passos-RS. Na infância brincava com os irmãos, primos e vizinhos, no turno da tarde, pois de manhã ajudava nas tarefas domésticas. Brincava de esconde-esconde, pular corda, carrinho de lomba, perna de pau e casinha. Utilizava artefatos como pedras, frutas, folhas de plantas para confeccionar seus brinquedos. Estudou até a 3ª série, porém em alemão, devido a influência da imigração alemã nesta região. Em virtude disto, não sabe ler e escrever em português, apenas assina seu nome. Na juventude, acompanhada de familiares, frequentava os bailes no interior. É nesta fase que se casa, e como enfatiza: “Daí tudo acabou”. Teve seis filhos, mesmo grávida precisava trabalhar na lavoura e manter sua rotina no cuidado com os animais e com as tarefas domésticas. “Não tinha tempo para descansar”. Somente quando os filhos estavam maiores começou a frequentar jogos de bolão. Na velhice, foi morar no perímetro urbano do município de Três Passos-RS. Neste período o lazer estava ligado a um grupo de idosos que integrava, além das visitas aos vizinhos e parentes. Porém com a morte do esposo há quatro anos, após morar por algum tempo sozinha, agora vive num sistema de rodízio, cada mês permanece na casa de um dos filhos. Nos momentos de lazer toma chimarrão.

Rosa, 67 anos: nasceu no interior de Três Passos-RS. Na infância brincava de casinha, pular corda, subir em árvores, carrinho de lomba e auxiliava nas tarefas

domésticas. Sua vida “laboral remunerada” iniciou neste período, quando foi trabalhar na casa de uma vizinha. Na juventude frequentava bailes, sob o olhar de um familiar, se reunia com um grupo de amigas para assistir aos jogos de futebol da comunidade. Ainda adolescente casou e um ano após nasceram as primeiras filhas (gêmeas). Durante o casamento, por vários anos o lazer era restrito às visitas na casa dos pais ou sogros. Depois começou a frequentar jogos de bolão. Na zona rural cuidou da casa, da lavoura, dos animais, da família e comercializou produtos coloniais. Há oito anos passou a morar no perímetro urbano do município onde nasceu. A partir de então, seus momentos de lazer incluem visitas aos vizinhos, almoços e jantares com amigos e familiares, jogos de bolão e bailes. Rosa não é alfabetizada, sabe apenas assinar seu nome, mas opera bem com a lógica matemática.

Ana, 48 anos: nasceu no interior de Três Passos-RS. Na infância sua rotina incluía tratar os animais, ajudar na lavoura e nas tarefas domésticas. Brincava de esconde-esconde, casinha, carrinho de lomba, boneca de pano, pular corda e subia em árvores. Na adolescência assistia jogos de futebol na sua comunidade, passeava na casa de amigas e dançava nos bailes (com a supervisão de um parente). Estudou até a 5ª série do ensino fundamental. Na vida adulta se transfere para Ijuí-RS para trabalhar e cria um novo grupo de amizades para se divertir. É nesse período que conhece o rapaz com quem se casa. Casada saía com o marido, mas somente para visitar a família. Com o fim do casamento, forma um novo rol de amigos e com eles promove jantares, vai a bailes e reuniões dançantes. Nos momentos livres também brinca com a filha, faz crochê e descansa. Há quinze anos passou a viver com seu atual companheiro e desde então seus momentos de lazer incluem: jantar com amigos, confeccionar artesanato, costurar, olhar televisão, tomar chimarrão, ir à igreja e passear com os netos.

Letícia, 25 anos: nasceu em Ijuí-RS. Na infância brincava de casinha, andava de carrinho de lomba e jogava bola. Na adolescência seu lazer era ir à praça central ver os meninos andar de skate, ir a festas noturnas, reunir as amigas para tomar chimarrão, além de estilizar suas roupas. Ainda na adolescência conheceu seu companheiro e poucos meses após veio a primeira gestação. A partir da união e até alguns meses atrás cumpria o papel de mãe, esposa e dona de casa. Quando tinha um “tempo livre” procurava dormir.

Seu lazer era sair com o marido, filhos e amigos. Atualmente está trabalhando no comércio, frequenta academia, e, algumas vezes sai com as amigas. Toda a sexta-feira à noite sai com o marido e no domingo passeia com as crianças. Possui ensino médio incompleto.

Yasmin, 05 anos – nasceu em Ijuí-RS. Frequenta um turno na educação infantil. Na escola gosta de pintar os pés e as mãos com tinta, ouvir as histórias que a professora conta e na sequencia fazer os registros. Adora brincar na pracinha de areia, principalmente quando a areia está molhada. “Gosto de me sujar”. Brinca com todas as meninas da turma, mas apenas com um dos meninos. “Porque ele é querido”. Brinca de pega-pega, esconde-esconde, casinha e boneca. Fora da escola brinca com uma prima de nove anos e com o irmão de três anos, com as bonecas das *monster high*, das princesas e da *barbie* e anda de bicicleta. Gosta de jogar *jogos de meninas* na internet, olhar televisão, pintar, desenhar e ouvir histórias que a mãe conta. Não pula corda, não sobe em árvores e não gosta de jogar bola.

Analisamos os textos das entrevistas buscando identificar nos discursos os enunciados que sustentam uma determinada configuração da experiência de vida, em especial do lazer. Nas análises discursivas das mulheres das quatro primeiras gerações ficam explícitas as mudanças e permanências vinculadas aos seguintes aspectos: família, casamento, trabalho e lazer.

Utilizar o relato de trajetórias de vida como material para análise é “entender o tempo como um dos elementos que posicionam essas mulheres, tornando possível as falas que foram ditas” (MOREIRA, 2008, p. 14). Conforme a autora o contexto histórico mais amplo esta implicado com a história individual dessas mulheres, interferindo na razão ou no sentido para suas palavras. Neste aspecto o sujeito influencia e é influenciado socialmente, culturalmente.

A participação da família foi marcante nos discursos relacionados ao lazer das mulheres das três primeiras gerações, especialmente na juventude, quando as experiências aconteciam sob o olhar atento de algum familiar. A liberdade era vigiada, normatizada. Parece que havia uma preocupação por parte da família em seguir as regras,

sobretudo morais, da época. Percebe-se aí “um discurso tomado como um conjunto de estratégias que fazem parte das práticas sociais” (FOUCAULT, 2003, p.11).

Outro aspecto que aparece nas quatro primeiras gerações, lembrando que a mulher mais idosa, nasceu em 1924 e a mais nova desse grupo em 1988, é a importância que a família adquire na trajetória dessas mulheres. A constituição de um núcleo familiar gera profundas transformações nas experiências até então vividas. Tomando como marco o matrimônio, observamos que o lazer antes público agora, quando autorizado, ocorre em espaços privados. Mesmo pertencendo a um período histórico distinto, desde aquelas mulheres que nasceram em meio à 2ª Guerra Mundial, passando por aquelas que nasceram em meio a Guerra Fria e aquela que nasceu em meio à expansão da globalização, todas sinalizam o casamento como “um divisor de águas”. O casamento lhes “rendeu” trabalho, cuidado para com o outro em detrimento do cuidado de si e esporádicos momentos de lazer, fatores esses exacerbados com a chegada da maternidade. No entanto, a própria família e a maternidade continuam sendo um dos valores fundamentais na forma como essas mulheres se veem e conduzem a fruição do pouco tempo lazer.

Como essas mulheres se relacionam com as experiências de lazer? Falar sobre o lazer delas remete a perspectivas que movimentam sua vida, suas práticas sociais e suas possíveis articulações com o modo de cuidar de si. O tempo de lazer está demarcado por vetores tais como: ser solteira, ser casada, ser mãe, ser idosa. Parece que dependendo da condição estão, ou não, autorizadas a usufruir certas formas de lazer.

Os discursos das quatro mulheres dimensionam o processo produtivo. Nele as falas associadas ao trabalho predominam como valor econômico, como possibilidade de manter-se financeiramente para garantir a renda familiar ou para associá-la a renda do grupo familiar, ou ainda, como no caso da mulher da quarta geração, sinônimo de independência. Aliás, é possível notar que esta quarta geração traz consigo ideais mais igualitárias das condições de gênero, lazer, cuidado com o corpo, sobretudo potencializado pela entrada no mercado de trabalho.

Em relação à quinta geração são visíveis os efeitos do meio “conectado” em que nasceu para experienciar o lazer. A substituição de brinquedos confeccionados com artefatos da natureza, por brinquedos industrializados e midiáticos denunciam, conforme Canclini (2007) um sistema transnacional, no qual as fronteiras econômicas, culturais e ideológicas se desvanecem. O que é produzido do outro lado do mundo é consumido aqui por nossas crianças. São raras as experiências corporais que valorizam o desenvolvimento motor.

Pesquisar as experiências de lazer de mulheres pertencentes a cinco distintas gerações é tarefa complexa, em virtude da amplitude e multiplicidade de formas possíveis de focar o tema. É possível afirmar que as experiências não se dão por acaso, tem a ver com o momento social, histórico, cultural em que estão inseridas. E ainda que essas mulheres são de algum modo conscientes dos limites e dos desafios das experiências de lazer, têm consciência daquilo que gostariam de fazer e do que realmente fizeram. No entanto, esse estudo preliminar aponta que existe uma necessidade de se estudar melhor a relação entre trajetórias femininas e as experiências de lazer, que parecem estar longe de ser uma história linear. A ausência de políticas públicas de lazer voltadas para esse segmento da população também refletem o limite.

## Referências

CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados:** mapas da interculturalidade. 2ª ed. RJ: Editora UFRJ, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas.** 3ª ed. RJ: NAU Editora, 2003.

MOREIRA, Lisandra Espíndula. “**Vida de equilibrista**”? Mães trabalhadoras em diferentes contextos sociais. Dissertação. Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional. Instituto de Psicologia. UFRGS, Porto Alegre, 2008. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13413/000648834.pdf?sequence=1>. Acesso em 12 de abril 2014.